

# A CRISE DO CORONAVÍRUS E O FUTURO DO SISTEMA-MUNDO A PARTIR DA RELAÇÃO CHINA-EUA: BREVES LINHAS TENDENCIAIS NA TRANSIÇÃO DO ATUAL SISTEMA-MUNDO

*Luiz Eduardo Simões de Souza<sup>1</sup>  
Luiza Helena Mendes de Souza<sup>2</sup>*

**Resumo:** A crise atual do coronavírus constitui uma pandemia. Ou seja, é uma epidemia que atinge níveis mundiais. O COVID-19, que se caracteriza pela sua alta capacidade de contaminação em larga escala em um curto espaço de tempo, promove um novo contexto global, em que a mobilidade espacial torna-se limitada afetando diretamente um dos pilares da globalização que é o deslocamento de pessoas e mercadorias. A globalização já apresentava problemas antes mesmo da epidemia do COVID-19; após a crise mundial de 2008, ela não foi mais a mesma e com a eleição do presidente Donald Trump nos EUA e com a disputa econômica sino-estadunidense, ela mostrava uma certa desaceleração no ritmo de fluxos que com o novo fator trazido pela pandemia promove o fechamento de fronteiras e paralisação parcial do comércio. A guerra comercial entre China e Estados Unidos pela hegemonia econômica do sistema mundo trata-se de um processo recente e que seguirá nas próximas décadas como acontecimento principal no modelamento do sistema mundo. No processo de abertura econômica chinesa, na década de 1970, os dois países se relacionavam de forma desigual, como é de costume numa relação centro (EUA) e periferia (China). Os estadunidenses apostavam na China como importante ator no processo de globalização e investiram num intenso deslocamento de fábricas para o território chinês em troca de mão de obra barata. Porém, ao contrário da relação entre EUA e América Latina, a China detém um projeto nacional próprio e soube utilizar esta situação ao seu favor quando consegue transferir tecnologia e obter acesso ao mercado mundial, como também construir e fortalecer uma política industrial que a favorece e cria possibilidades de desenvolvimento industrial e econômico como também a sua inserção no mercado internacional como ator principal e não mais coadjuvante. O mundo, desde 2018, apresentava potenciais cenários em que uma recessão econômica estava chegando; tal recessão era vista por especialistas como uma de curto prazo, ou seja, com uma rápida recuperação, porém a epidemia do coronavírus potencializa a recessão em curso visto que a mobilidade espacial se torna limitada em todo o mundo, principalmente em grandes centros econômicos que são obrigados a reduzirem seu funcionamento como forma de controle central da epidemia. Portanto, a recessão global que estava em curso entra em choque com um novo contexto global em que a mobilidade espacial, que é um fator importante da globalização, está comprometida e passa a limitar o desenvolvimento econômico liberal já decadente e promove o aceleração da recessão, tendendo a gerar um mundo em que as desigualdades, nas escalas nacionais e mundiais, se aprofundam. Projeta-se uma onda nacionalista, que assume forma robusta desde a eleição de Trump nos EUA, no sistema mundo em que as economias começam a adotar medidas como: restrição de vendas de medicamentos pela Índia, limitação de exportação de equipamentos de proteção por parte da Alemanha e a injeção de mais de 2 trilhões do governo de Trump na economia estadunidense. Ao assumir uma posição nacionalista e protecionista, os EUA rompem com o ideário liberal e abrem brechas para que a China assuma papel principal na economia mundial. É nesse contexto que se busca, em uma breve análise, a proposição de algumas linhas tendenciais observadas na transição do atual sistema-mundo.

**Palavras-chave:** COVID-19; sistema-mundo; globalização; China; Estados Unidos

---

1 Professor do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Maranhão. Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo e coordenador do GEEPHE (Grupo de Estudos em Economia Política e História Econômica).

2 Graduanda em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal do Maranhão e membro do GEEPHE.

## 1. Introdução

O sistema-mundo como se conhece hoje tem sua consolidação na década de 1970 com o processo de financeirização do capitalismo em que a globalização é produto central desta transição, onde a produção e as finanças passam a constituir redes de conexões interestatais reorganizando os fluxos econômicos globais com aparato estatal que trabalha com a finalidade de suprir as necessidades do centro do mundo. Segundo Fiori (1997):

Pode-se mesmo afirmar que a globalização é um fato mas só é global do ponto de vista das finanças que passaram a operar num “espaço mundial” hierarquizado a partir do sistema financeiro norte-americano e viabilizado pela política econômica do estado hegemônico imitada, de imediato, pelos demais países industrializados.<sup>3</sup>

É notável a existência de um padrão nestas relações interestatais em que a subjugamento dos países subdesenvolvidos e não desenvolvidos se consolidam como a base estrutural do capitalismo financeirizado globalizado que tem como principal ator os EUA que vende um processo desenvolvimentista neoliberal que constitui um ciclo de dependência constante.

A relação China-EUA no final do século XX e início do século XXI, se articula num contexto de inserção chinesa na economia mundial e na consolidação estadunidense como potência econômica e militar hegemônica. O processo de globalização conecta as duas economias de modo a criar uma relação de dependência chinesa num primeiro momento. Enquanto os EUA constrói sua hegemonia a partir do final da Segunda Guerra Mundial e busca expandir-se constantemente, a China que apesar de grande parte da história ser um grande centro econômico, perde espaço nesse cenário econômico e ensaia a retomada de sua antiga condição a partir abertura econômica no final da década de 1970.

Nestes parâmetros, a relação sino-estadunidense no pós-abertura econômica chinesa, se molda de forma a que se tem os EUA disposto a transferir em ampla escala empresas multinacionais em prol de facilidades propostas pelo governo chinês; enquanto se tem a China, detentora de um projeto nacional próprio que diverge do sugerido pelas potências hegemônicas, que busca inserir-se no mercado internacional e ter acesso a tecnologias.

Um fato importante a ser destacado da China é a sua política industrial que consolida ativamente a participação chinesa no plano internacional como centro da manufatura do mundo que durante a pandemia do COVID-19 alerta para a forte dependência mundial com a economia chinesa que é o maior exportador do mundo.

---

3 FIORI, José Luís. Globalização, hegemonia e império. In: TAVARES, Maria da Conceição, FIORI, José Luís (Org.). *Poder e dinheiro: Uma economia política da globalização*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997. P. 90.

## **2. China x EUA: guerra comercial**

A guerra comercial entre China e EUA se inicia em março de 2018, mas é fruto da política externa do presidente estadunidense Donald Trump que, quando inicia seu mandato em 2017, assume uma posição ultranacionalista e de revisão do ideário liberal que se estabelece com o final da Segunda Guerra Mundial; o que na prática se traduz em minar as instituições que serviram de base para a construção da hegemonia estadunidense que no curto prazo reforçam o discurso de ruptura que o presidente busca trazer, mas não calcula os efeitos a longo prazo. Em paralelo, a China mantém a tradição de sua política externa de cooperação amistosa com todos os países, coexistência pacífica, respeito mútuo a soberania e integridade regional (DUQING<sup>4</sup>, 1991).

No final de 2017, a balança comercial entre os dois países se encontra em alto nível de desvantagem; enquanto os EUA importaram US\$ 505,6 bilhões de dólares de produtos chineses, a China importou apenas US\$ 130,37 bilhões de dólares de produtos estadunidenses gerando um déficit comercial de US\$ 375,23 bilhões de dólares para os EUA. Na busca por minimizar este alto déficit, o primeiro ato desta guerra se estabelece quando os EUA impõe tarifas de US\$ 50 bilhões de dólares em mercadorias chinesas em março de 2018 alegando ser uma resposta às práticas comerciais desleais da China ao longo do anos e pelo roubo de propriedade intelectual. E em resposta, a China impõe tarifas a 128 produtos dos EUA.

Estas tarifas passam a valer a partir de julho e numa escalada de tensão, em setembro, os EUA propõe novas tarifas sobre 10% de US\$ 200 bilhões em produtos chineses que como resposta acusam os EUA de adotarem o unilateralismo, o protecionismo e a hegemonia econômica em detrimento dos fundamentos da relações comerciais internacionais, e aplicam tarifas de 5% e 10% sobre US\$ 60 bilhões de importações dos EUA; um número limitado visto que, segundo dados de 2017, as exportações dos EUA para a China somam pouco mais de US\$ 120 bilhões de dólares (LEVY<sup>5</sup>, 2018, p. 5).

As economias chinesa e estadunidense tem um considerado nível de interconectividade, embora que com balança desfavorável para os EUA; é notado uma transição em quais produtos são exportados da China para os EUA e qual seu grau de complexidade de produção. Portanto, a ambição chinesa de se tornar uma economia que se baseie em alto nível tecnológico vai de encontro aos planos estadunidenses em se manter na vanguarda tecnológica mundial; neste sentido, as sanções impostas pelos EUA, como por exemplo, na proibição de fornecimento de semicondutores à empresa chinesa Huawei, que são produzidos a partir de equipamento e software feitos nos EUA, tem por objetivo minar a amplia-

4 DUQING, Chen. Política Exterior da China. Instituto de Estudos Avançados, Vol. 10. 1991. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/duqingpoliticaexteriorchina.pdf>>. Acesso em 28 de agosto de 2020.

5 LEVY, Paulo Mansur. Carta de Conjuntura: Economia Mundial. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/181005\\_cc\\_40\\_secao\\_economia\\_mundial.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/181005_cc_40_secao_economia_mundial.pdf)>. Acesso em 27 de agosto de 2020.

ção chinesa na vanguarda do 5G. Em resposta, a China monta um plano ambicioso de dominar a indústria de semicondutores até 2025; este plano é uma prioridade chinesa que conta com US\$ 1.4 trilhão de investimento e com uma parceria com a Rússia que visa desacoplar a linha de produção de semicondutores da tecnologia estadunidense.

Ao comprometer, num primeiro momento, a linha de produção da tecnologia 5G da China, os EUA podem obter vitória a pequeno prazo, mas a China está disposta a se tornar independente na linha de produção completa do produto que é um grande alvo desta disputa comercial. Portanto, a longo prazo, possa ser que é a estratégia estadunidense não funcione e acabe fortalecendo ainda mais a indústria chinesa que conta com forte aparato estatal e que, hoje, frente ao cenário da pandemia, busca fortalecer seu mercado interno em contrapartida ao mercado externo que se mostra incerto a médio prazo, segundo o embaixador chinês Zhang Ming<sup>6</sup> na União Europeia.

Outro ponto estratégico de disputa econômica e militar são os sistemas de navegação por satélite, os EUA com o GPS são o primeiro no mercado de dezenas de bilhões de dólares, mas a China pretende obter sua independência do mesmo com o BDS, seguindo os passos da Rússia com o GLONASS. O sistema proposto pela China contará com 35 satélites, 3 a mais que o estadunidense, uma precisão de localização superior com 10 centímetros contrapondo os 30 centímetros estadunidense. Além de ter objetivo de superar a dependência do GPS, o BDS oferecerá uma segurança econômica a China ao assegurar o acesso aos dados visto que a instável relação entre os dois países que numa escalada de tensão, poderia comprometer o acesso chinês aos dados de localização mundial (BBC<sup>7</sup>, 2020).

### **3. Coronavírus e a desaceleração econômica mundial**

O fechamento de fronteiras e paralisação parcial do comércio em decorrência do coronavírus afeta um dos pilares da globalização que é o intenso fluxo comercial mundial. Com isto, o PIB mundial soma perdas consideráveis que levam a adoção de políticas de recuperação cautelosas e nacionalistas, caracterizando uma virada no sistema-mundo e que tomou impulso desde a eleição de Donald Trump nos EUA; em contrapartida, a China tem espaço para se posicionar e coordenar a recuperação mundial considerando as incertezas que rondam a União Europeia, reforçando a integração asiática, a crescente parceria econômica com a América Latina e o continente africano, e aproveitando-se do aparente vácuo de liderança deixado pelos EUA (FIORI<sup>8</sup>, 2020a).

6 MING, Zhang. Remarks by H.E. Ambassador Zhang Ming At the China-EU Business Dialogue. 2020. Disponível em: <[https://www.fmprc.gov.cn/mfa\\_eng/wjb\\_663304/zwjg\\_665342/zwbd\\_665378/t1813655.shtml](https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjb_663304/zwjg_665342/zwbd_665378/t1813655.shtml)>. Acesso em 14 de setembro de 2020.

7 BBC. BDS: Como é o novo sistema de navegação por satélite chinês que quer concorrer com o americano GPS. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53176664>>. Acesso em 18 de setembro de 2020.

8 FIORI, José Luís. Fiori: a Peste, o Mercado e a Guerra. 2020a. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/fiori-a-peste-o-mercado-e-a-guerra/>>. Acesso em 18 de

O mundo, desde 2018, apresentava potenciais cenários em que uma recessão econômica estava chegando; tal recessão era vista por especialistas como uma de curto prazo, ou seja, com uma rápida recuperação, porém a epidemia do coronavírus potencializa a recessão em curso visto que a mobilidade espacial se torna limitada em todo o mundo, principalmente em grandes centros econômicos que são obrigados a reduzir seu funcionamento como forma de controle central da epidemia. Portanto, a recessão global que estava em curso entra em choque com um novo contexto global em que a mobilidade espacial, que é um fator importante da globalização, está comprometida e passa a limitar o desenvolvimento econômico liberal já decadente e promove o aceleração da recessão, tendendo a gerar um mundo em que as desigualdades, nas escalas nacionais e mundiais, se aprofundam.

O coronavírus vai ser responsável pelo aprofundamento do *shift* que vinha ocorrendo na geopolítica, onde o cenário pós pandemia tende a passar por reestruturações econômica, político e militar que tendem a levar a um mundo pós-ocidental (STUENKEL<sup>9</sup>, 2018) que conta com a ascensão chinesa e de potências emergentes, a volta da Rússia em sua condição de potência militar e o declínio de potências ocidentais europeias e dos EUA. A China e os EUA tem condições materiais concretas para se recuperarem economicamente, o primeiro a partir de sua planificação econômica e aproveitando as brechas deixadas pela incerteza que ronda a União Europeia e o segundo através de seu poder financeiro global em que o dólar é responsável por cerca de 90% das transações financeiras mundiais (FIORI<sup>10</sup>, 2020a).

#### 4. Nova rota da seda

O presidente chinês Xi Jinping apresenta oficialmente o projeto *One Belt, One Road* com tradução para “Um Cinturão, Uma Rota” em 2013 que configura um mega plano de infraestrutura que interconectará os continentes asiático e europeu à partir de sistemas de transporte, de energia e de infraestrutura digital que tem por finalidade projetar a influência econômica chinesa que gradualmente se transformaria num amplo corredor econômico que promoveria uma eficiente alocação de recursos, a adoção de políticas econômicas coordenadas com a finalidade de aprofundar a integração regional por meio de novos modelos de cooperação internacional e governança global promovendo paz e desenvolvimento

---

setembro de 2020.

9 STUENKEL, Oliver. O mundo pós-ocidental: potências emergentes e a nova ordem global; tradução de Renato Aguiar. Editora Zahar. 2018

10 FIORI, José Luís. Fiori: a Peste, o Mercado e a Guerra. 2020a. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/fiori-a-peste-o-mercado-e-a-guerra/>>. Acesso em 18 de setembro de 2020.

(MAÇÃES<sup>11</sup>, 2018, p. 11; THE STATE COUNCIL THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA<sup>12</sup>, 2015).

Ao pensar no atual projeto chinês é impossível não mencionar a Rota da Seda original que corresponde a diversas rotas comerciais que atravessavam a Ásia e a Europa. Este nome foi proposto pelo geógrafo alemão Ferdinand von Richthofen no século XIX que explorou o percurso em sete ocasiões diferentes entre 1868 e 1872, e a seda remete ao principal produto de exportação chinesa neste contexto que data por volta de 130 a.C, quando considerada a utilização desta rota regularmente na dinastia Han (GNERRE<sup>13</sup>, 2015, p. 249). A rota terrestre, com diversas ramificações, percorria desde o atual leste chinês até a Pérsia, a Península Arábica, a costa oeste do Mar Mediterrâneo e a costa do Mar Negro que à partir dali seguia, por via marítima, ao continente europeu para os portos gregos e romanos e, num momento posterior, para a República de Veneza, República de Gênova e o Ducado de Amalfi. Outra rota marítima era responsável por conectar o Mar da China ao Golfo Pérsico, passando pelo Oceano Índico e por volta da costa oeste da Índia (MAZZI<sup>14</sup>, 2020, p.4 apud DRÈGE, 2002 e WOOD, 2002). Com o declínio da Rota da Seda original, em 1453 d.C, a partir de bloqueio comercial imposto pelo Império Otomano, se tem uma busca por substituição destas rotas que corresponde ao período de expansão marítima europeia e consequentemente a ascensão ocidental.

A Nova Rota da Seda em sua parte terrestre contemplará a integração do supercontinente eurasiático, passando pelo Ásia Central, pelo Oriente Médio, pela Rússia e pela Europa; que complementada pelas rotas marítimas, viabilizará uma ligação dos portos chineses do sudeste asiático à costa leste africana, passando pelo Oceano Índico, pelo Canal de Suez até chegar no Mediterrâneo. Para além da integração econômica, a China promove o projeto com o objetivo de fortalecer trocas culturais mútuas, promover a paz mundial e desenvolvimento coletivo através de cooperação de alto nível (THE STATE COUNCIL THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA<sup>15</sup>, 2015).

Os investimentos para a iniciativa provêm de quatro instituições que compõem o *Silk Road Fund*, sendo elas: (1) a Administração Estatal de Política Externa, com 65% dos investimentos, (2) a Corporação de Investimento da China, com 15% dos investimentos, (3)

11 MAÇÃES, BRUNO. Belt and Road: A Chinese World Order. 2018. P. 11.

12 THE STATE COUNCIL THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Action plan on the Belt and Road Initiative. 2015. Disponível em: <[http://english.www.gov.cn/archive/publications/2015/03/30/content\\_281475080249035.htm](http://english.www.gov.cn/archive/publications/2015/03/30/content_281475080249035.htm)>. Acesso em 17 de setembro de 2020.

13 GNERRE, Maria Lucia Abaurre. “Rota da Seda: trânsitos culturais e sagrados nos caminhos da China”, em *Religare*, ISSN: 19826605, v. 12, n.2, dezembro de 2015, p. 244-259. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/27263/14596>>. Acesso em 17 de setembro de 2020.

14 MAZZI, Diego Henrique Alvarenga. O projeto da Nova Rota da Seda: uma possível reordenação dos fluxos comerciais internacionais. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28535/3/ProjetoNovaRota.pdf>>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

15 THE STATE COUNCIL THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Action plan on the Belt and Road Initiative. 2015. Disponível em: <[http://english.www.gov.cn/archive/publications/2015/03/30/content\\_281475080249035.htm](http://english.www.gov.cn/archive/publications/2015/03/30/content_281475080249035.htm)>. Acesso em 17 de setembro de 2020.

o Banco de Desenvolvimento da China, com 5% dos investimentos e (4) o Banco de Exportação e Importação da China, com 15% dos investimentos (SILK ROAD FUND<sup>16</sup>, 2019). Estes investimentos são frutos da força econômica global chinesa que é amparada na sua consolidação como a segunda maior economia do mundo, a maior exportadora e a segunda maior importadora de bens, a terceira maior fonte externa de investimento estrangeiro direto e a proprietária da maior reserva cambial (DU<sup>17</sup>, 2016, p. 33).

Num primeiro momento, a ênfase do projeto se deu na construção de infraestruturas que conectassem a China, Ásia Central, Oriente Médio e Europa; hoje o plano se estende, principalmente na via marítima, para a África Subsaariana e a América Latina, atribuindo ao projeto uma grandiosa extensão que supera a Antiga Rota da Seda.

Há seis corredores econômicos que são idealizados conforme a disposição a seguir: (1) Corredor Econômico da China, Mongólia e Rússia: composto por ferrovias que fazem a ligação terrestre da Eurásia, (2) Nova ponte terrestre da Eurásia: ferrovias para a Europa a partir do Cazaquistão que segue pela Rússia, Bielorrússia, Polônia e Alemanha, (3) Corredor Econômico da China, Ásia Central e Ásia Ocidental: interligando a região ao Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Uzbequistão, Turquemenistão, Irã e Turquia, (4) Corredor Econômico China-Península da Indochina: conectando-as ao Vietnã, Tailândia, Laos, Camboja, Mianmar e Malásia, (5) Corredor Econômico da China-Paquistão: este projeto liga Kashgar (cidade chinesa) a Gwadar (cidade portuária paquistanesa) que possui um moderno porto de águas profundas, financiada pelos chineses, utilizado tanto para fins comerciais quanto econômicos, (6) Corredor Econômico da China-Bangladesh-Índia-Mianmar: este corredor é fruto de grande desconfiança indiana devido a rivalidade histórica sino-indiana.

“Um Cinturão, Uma Rota” traz a tona o conceito de “Heartland” proposto pelo geógrafo inglês Halford Mackinder em “*The Geographical Pivot of History*” no início do século XX, em que a área pivô seria a Eurásia, mais precisamente o seu centro e seu norte, ou seja, no norte-sul corresponde às costas geladas do Oceano Ártico aos desertos da Ásia Central e no leste-oeste, corresponde aos confins da Sibéria até as terras entre os mares Branco e Negro (MELLO<sup>18</sup>, 1994). Esta ideia proposta por Mackinder se contextualiza num período em que o poder marítimo era o principal, contrapor isto, via o poder terrestre, é uma alternativa estratégica em que a distância em relação ao mar asseguraria uma profundidade territorial de recuo em contrapartida a ataques de potências oceânicas (ROCHA e

16 SILK ROAD FUND, 2019. Disponível em: <<http://www.silkroadfund.com.cn/enweb/23775/23767/index.html>>. Acesso em 17 de setembro de 2020.

17 Du, Michael M. “China’s ‘One Belt, One Road’ Initiative: Context, Focus, Institutions, and Implications. The Chinese Journal of Global Governance 2: 30-43. 2016.

18 MELLO, Leonel Itaussu Almeida. A geopolítica do poder terrestre revisitada. Lua Nova, São Paulo, n. 34, p. 55-69, Dec. 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451994000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451994000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 17 de setembro de 2020.

ALBUQUERQUE<sup>19</sup>, 2014, p. 3); portanto, no contexto geopolítico, segundo Mackinder<sup>20</sup>, o domínio desta porção terrestre seria ponto fundamental para constituir o poder econômico e o poder militar necessário na disputa hegemônica mundial. A teoria, que antes contribuiu amplamente na política externa dos EUA, hoje toma forma, mas no campo adversário, onde a China costura esta integração supercontinental e além disso, costura também uma integração marítima que vai além da Ásia e Europa, abrangendo o continente africano e a América Latina, desafiando a hegemonia estadunidense.

Com a crise do coronavírus, o cronograma de uma Rota da Seda da Saúde que estava previsto desde 2017, é acelerado, e aproveitando o arcabouço da infraestrutura terrestre e marítima, ela ocorrerá paralelamente. E mais do que um projeto futuro, a rota já toma forma com o uso de soft power chinês que fornece equipamentos hospitalares e intercâmbio de equipes médicas no combate ao coronavírus. (ESCOBAR<sup>21</sup>, 2020).

## 5. Parceira estratégica abrangente: China-Rússia

A relação entre China e Rússia se define, hoje, oficialmente, como “parceria estratégica abrangente”; englobando os campos econômico, militar, político, geopolítico, energético, etc. O que consolida ainda mais esta relação bilateral ao mesmo tempo que fortalece a integração da Eurásia que, contrapondo a compulsão de uso de hard power e sanções por parte dos EUA, mostra-se como alternativa ao propor um alto nível de integração geoeconômica via transporte e infraestrutura pelo projeto *One Belt, One Road* (Um Cinturão, Uma Rota) que busca reorganizar as rotas comerciais já existentes.

Além disso em 2019, os dois países consolidaram 70 anos de relações diplomáticas e acordaram uma “cooperação no desenvolvimento de sistemas de pagamentos nacionais” que propõe ampliar o uso do rublo e yuan no comércio bilateral com a finalidade de reduzir a dependência do dólar que em 2015 compunha 90% das transações comerciais. Já no primeiro trimestre de 2020 são apresentados resultados dessa nova política, onde, numa baixa recorde, o uso do dólar correspondeu a 46% enquanto o euro, numa alta recorde, correspondeu a 30% nos pagamentos. E as moedas nacionais, também num aumento recorde, somaram 24% nos pagamentos de transações comerciais.

A Rússia é a maior exportadora de gás natural do mundo e a segunda maior vendedora de petróleo, tendo o setor energético como o responsável por dois terços da renda rus-

19 ROCHA, Dyego Freitas. ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. Revisitando o conceito de Heartland na Política de Contenção Ocidental do séc. XXI, em Revista de Geopolítica, Natal, v. 5, nº 1, p. 1-14, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistageopolitica.com.br/index.php/revistageopolitica/article/view/94/93>>. Acesso em 17 de setembro de 2020.

20 MACKINDER, Halford John. The Geographic Pivot of History, em The Geographic Journal, Vol. 170, No. 4, December 2004, p. 298-321.

21 ESCOBAR, Pepe. China rolls out the Health Silk Road. 2020. Disponível em: <<https://asiatimes.com/2020/04/china-rolls-out-the-health-silk-road/>>. Acesso em 17 de setembro de 2020.

sa; a dependência destes produtos é uma preocupação crescente do governo russo e que após a anexação da Crimeia em 2014 sofre um baque com as sanções impostas pela União Europeia que estarão em vigor até janeiro de 2021 (JORNAL O GLOBO<sup>22</sup>, 2018; CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA<sup>23</sup>, 2020.). Como solução, a Rússia realoca as exportações destes produtos para a China que apresenta um crescente mercado e forte dependência de importações. Em linhas gerais, a relação comercial entre os dois países recebe esforços para manter uma balança estável; embora que a dependência da economia russa com a China seja consideravelmente mais alta, há uma busca pela diversificação de produtos exportados dos russos para chineses e que é pauta nas discussões bilaterais. Tal aspecto é proposto por analistas internacionais como fator de incerteza na aproximação sino-russa; porém, o aspecto militar desta relação é de grande peso para a China, em que a potência militar russa é fundamental na disputa comercial sino-estadunidense que irá se desenrolar nas próximas década, não levando a um conflito direto, mas assumindo a forma de guerras híbridas na periferia do sistema (FIORI<sup>24</sup>, 2020b); logo, é de grande interesse chinês manter uma relação estável e amistosa com a Rússia com o objetivo que atuem conjuntamente contrapondo o hegemom. Talvez um ponto de desencontro, pensando no longo prazo, seria a transição energética em vista e a dependência econômica russa de sua exportação energética; mas ainda assim, não traria grandes mudanças a médio prazo, pois as potências consideram isto no seu planejamento estratégico (FIORI<sup>25</sup>, 2020b) e a Rússia está trabalhando na diversificação econômico, inclusive com parceria com a China, e trazendo a perspectiva da consolidação da Nova Rota da Seda, isto traria novas possibilidades para a Rússia e o fortalecimento do que já vem sendo feito.

O alinhamento político e econômico dos dois países promove então uma pós-ocidentalização ao virarem suas políticas externas a Ásia-Pacífico e fomentarem a integração deste com a Europa, contrapondo o poder hegemônico estadunidense. E para contrapor o hegemom é fundamental a perpetuação desta parceria que abrange cada vez mais campos estratégicos.

22 JORNAL O GLOBO. Petróleo sustenta economia russa, mas dependência cria limitações. 2018. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/06/petroleo-sustenta-economia-russa-mas-dependencia-cria-limitacoes.html>>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

23 CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. Rússia: Conselho prorroga sanções econômicas relacionadas com a crise na Ucrânia por mais seis meses. Disponível em: <<https://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2020/06/29/russia-council-renews-economic-sanctions-over-ukrainian-crisis-for-six-more-months/>>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

24 FIORI, José Luís. A Guerra, o Futuro e a “transição energética”. 2020b. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/a-guerra-o-futuro-e-a-transicao-energetica/>>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

25 FIORI, José Luís. A Guerra, o Futuro e a “transição energética”. 2020b. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerra/a-guerra-o-futuro-e-a-transicao-energetica/>>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

## 6. Considerações finais

A China e os EUA divergem de forma significativa no plano geopolítico, enquanto o primeiro aposta no multilateralismo, o segundo mina esta forma de se relacionar internacionalmente e aposta numa política nacionalista que tende a priorizar o bilateralismo e regionalismo.

Todavia há ressalvas a serem analisadas mais profundamente e que ainda não foram consolidadas no atual momento que se caracteriza como o momento embrionário desta disputa que nas próximas décadas transformarão o sistema-mundo que antemão tende à ideia de Mackinder em seu artigo “*The Geographical Pivot of History*”, que inclusive moldou fortemente a política externa estadunidense, que aborda a integração supercontinental da Ásia com a Europa como determinante para a definição de quem dominaria o mundo. A China costura esta integração eurasiática a partir do grande projeto Um Cinturão, Uma Rota que projeta seu poder econômico globalmente e a capacita para vencer no campo comercial esta disputa geopolítica com os EUA. Enquanto isto, os EUA vão em contrapartida ao multilateralismo e mantêm o discurso assertivo de superioridade militar e nacionalismo exarcebado que ganha forma robusta a partir da eleição de Donald Trump em 2016.

A relação China-EUA neste contexto é fundamental para a consolidação do que virá a ser o sistema-mundo visto que sua importância no plano internacional é determinante no desenrolar geopolítico, em paralelo a parceria sino-russa também se torna ponto essencial no plano geopolítico.